

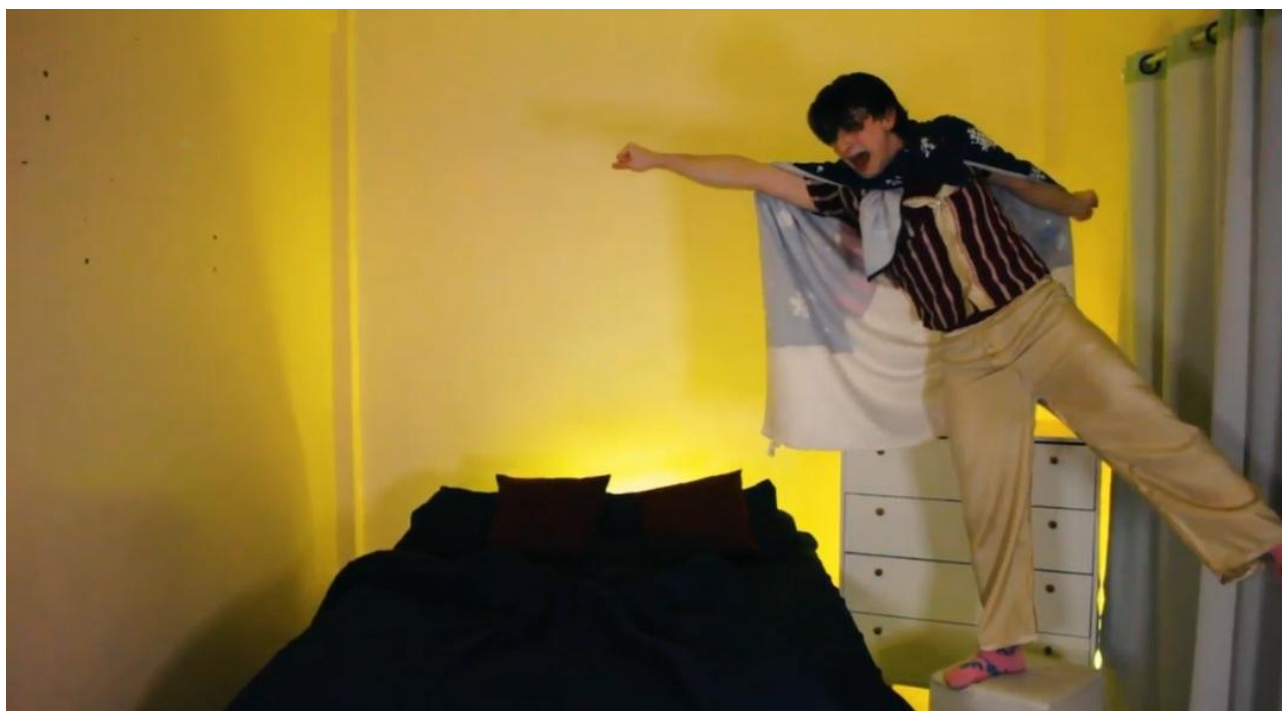
**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO - UNESP**  
**Instituto de Artes - campus de São Paulo**

**GUILHERME HENRIQUES TSUJI**

**SOU DE ONDE VENHO E VOU PARA ONDE QUERO SER - JORNADA, ANÁLISE E  
PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS DO ESPETÁCULO (INFANTO-JUVENIL):**

“Um minuto antes do sol nascer”, realizado pela Cia Janela/São Paulo

**Figura 1 – Estreia Online (versão filmada)**



Fonte: Caio Nogali, 2021. (Foto tirada para este trabalho)

**São Paulo**

**2025**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO - UNESP**  
**Instituto de Artes - campus de São Paulo**

**GUILHERME HENRIQUES TSUJI**

**SOU DE ONDE VENHO E VOU PARA ONDE QUERO SER - JORNADA, ANÁLISE E  
PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS DO ESPETÁCULO (INFANTO-JUVENIL):**

“Um minuto antes do sol nascer”, realizado pela Cia Janela/São Paulo

**São Paulo**  
**2025**

**GUILHERME HENRIQUES TSUJI**

**SOU DE ONDE VENHO E VOU PARA ONDE QUERO SER - JORNADA, ANÁLISE E  
PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS DO ESPETÁCULO (INFANTO-JUVENIL):**

“Um minuto antes do sol nascer”, realizado pela Cia Janela/São Paulo

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual  
Paulista Júlio de Mesquita Filho  
(UNESP), Instituto de Artes, São  
Paulo, para obtenção do título de  
Licenciatura em Arte-Teatro

Orientadora: Dra Maria Carolina de  
Vasconcelos e Oliveira

**São Paulo**

**2025**

Ficha catalográfica desenvolvida pela Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação  
do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

---

T882s Tsuji, Guilherme Henriques, 1999-

Sou de onde venho e vou para onde quero ser - jornada, análise e  
perspectivas pedagógicas do espetáculo (infanto-juvenil) : Um minuto  
antes do sol nascer, realizado pela Cia Janela/São Paulo / Guilherme  
Henriques Tsuji. – São Paulo, 2025.  
40 f. : il. color. + apêndice

Nome artístico do autor: Gui Tsuji.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Carolina de Vasconcelos e Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) –  
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo.

1. Teatro infantojuvenil. 2. Criação (Literária, artística, etc.). 3. Arte na  
educação. I. Vasconcelos-Oliveira, Maria Carolina. II. Universidade  
Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo. III. Título.

---

CDD 792.0226

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

**GUILHERME HENRIQUES TSUJI**

**SOU DE ONDE VENHO E VOU PARA ONDE QUERO SER - JORNADA, ANÁLISE E  
PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS DO ESPETÁCULO (INFANTO-JUVENIL):**

“Um minuto antes do sol nascer”, realizado pela Cia Janela/São Paulo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo, para obtenção do título de Licenciatura em Arte-Teatro Orientadora: Dra Maria Carolina de Vasconcelos e Oliveira

Data da defesa: 13/11/2025

Banca examinadora:

Dr. Levi Fernando Lopes Vieira Pinto - UNESP

Dra. Maria Carolina de Vasconcelos e Oliveira - UNESP

Dedico este trabalho em primeiro plano as crianças, em especial, as que tiveram o privilégio de terem assistido a peça: *Um minuto antes do sol nascer* da Cia Janela, na qual espero terem sido marcadas de alguma forma e possam se tornar adultos íntegros que entendem a importância de acreditar e promover uma educação progressista (incentivadora de sonhos), dedico também aos arte-educadores que se encontram exaustos, desanimados e desesperançosos, e as minhas Avós - Bia (Beatriz Féres Henriques) e Nita (Néris Gonçalves Tsuji) que acabaram descansando durante o tempo de processo de desenvolvimento deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo lá do início de tudo, a primeira pessoa que me iniciou artisticamente na qual tenho muito carinho que é a minha primeira professora de teatro Mari Imori. Agradeço também às mestras como: Eme Barbassa, Bolinha Monteiro e Gracyela Gitirana, na qual fui aluno por anos e puderam me acrescentar e moldar minha forma de ver e se fazer teatro. Agradeço aos artistas Cássio Borges e Adriane Hintze, parceria primordial para estar aqui e que se eterniza neste trabalho, assim como todos os outros amigos artistas que admiro e tive o privilégio de poder contar na ficha técnica do espetáculo: *Um minuto antes do sol nascer*. Agradeço ao amigo querido, conterrâneo e veterano de curso Pedro Falco por ter me apresentado o Instituto de Artes da UNESP. Agradeço ao meu amigo e primeiro orientador de fato desse trabalho que é o Levi Fernando Vieira Lopes Pinto e principalmente a minha Orientadora oficial Maria Carolina de Vasconcelos e Oliveira pela escolha, fé e paciência em mim por todo este tempo de trajeto. Agradeço pela minha passagem na Atlética do Instituto de Artes da UNESP entendendo a importância de ocupar e se sentir pertencido a universidade pública! Agradeço a minha melhor amiga e companheira, Aline Dorini Conchetta da Silva pelo acompanhamento, apoio e afeto essencial na jornada deste processo. E por fim e mais importante agradeço aos meus primeiros mestres, melhores amigos, meus pais: Marcelo Gonçalves Tsuji e Ana Beatriz Henriques Tsuji por ter o privilégio do apoio e amor incondicional de vocês.

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um breve ensaio reflexivo e analítico sobre o processo de criação, eixos temáticos e as perspectivas pedagógicas que abrangem o espetáculo infanto-juvenil *Um minuto antes do sol nascer*, realizado pela Cia Janela de São Paulo. A pesquisa nasce de um olhar atravessado a partir da experiência do Autor como Ator-criador e Arte-Educador, articulando teoria e prática, memória e descoberta, para assim compreender a importância do teatro na formação de crianças e adolescentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** teatro; infância; arte-educação; Cia Janela; processo criativo; pedagogia.

## **ABSTRACT**

This undergraduate thesis presents a brief reflective and analytical essay on the creative process, thematic axes, and pedagogical perspectives of the children's play *Um minuto antes do sol nascer* (One Minute Before Sunrise), created and performed by Cia Janela from São Paulo. The research emerges from the author's dual experience as an actor-creator and art educator, articulating theory and practice, memory and discovery, in order to understand the importance of theatre in the formation of children and adolescents.

**KEY-WORDS:** theatre; childhood; art education; Cia Janela; creative process; pedagogy.

## SUMÁRIO

|                                                                                           |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                  | <b>9</b>  |
| 1.1 Afinal, quem sou eu?.....                                                             | 10        |
| 1.2 Jornada, Encontro e Território: o palco em suspensão e o início da Cia Janela.....    | 12        |
| <b>2 ESTUDO DE MESA.....</b>                                                              | <b>15</b> |
| 2.1 A criança e o herói - o início da jornada.....                                        | 16        |
| 2.2 A professora, dona Cleide e o retrato da herança da educação bancária no Brasil;..... | 21        |
| 2.3 Um minuto (o tempo) e a cidade dos sonhos (A grande metáfora);.....                   | 24        |
| 2.4 A questão de gênero e o verdadeiro oráculo;.....                                      | 26        |
| <b>3 TEATRO, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.....</b>                                             | <b>31</b> |
| 3.1 O Brincar e Jogar: Fundamentos para a Aprendizagem.....                               | 32        |
| 3.2 O Teatro como Ferramenta de Inclusão e Desenvolvimento de Habilidades Sociais.....    | 33        |
| 3.3 O Teatro e a Construção do Pensamento Crítico e Criativo.....                         | 33        |
| 3.4 O Teatro como ferramenta potencializadora para o ensino de outras disciplinas.....    | 34        |
| 3.5 O Teatro como Prática de Cuidado e Resistência.....                                   | 34        |
| 3.6 Em Rumo a uma Política dos sonhos.....                                                | 35        |
| <b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                        | <b>36</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                   | <b>39</b> |
| <b>APÊNDICE A.....</b>                                                                    | <b>40</b> |

Figura 2 – Mapa da cidade dos sonhos (livro cenográfico)



Fonte: Caio Nogali, 2021. (Foto tirada para este trabalho)

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento um ensaio reflexivo sobre o processo de criação de uma peça infanto-juvenil a partir de um olhar privilegiado de ator/criador que é também arte-educador. Discuto como alguns eixos temáticos e escolhas poéticas da peça dialogam com ideias de arte educação e de emancipação de crianças e jovens que estudei na Licenciatura em Arte-Teatro do Instituto de Artes da Unesp. Por fim, trago também algumas percepções sobre a recepção das crianças/jovens em relação a essa obra.

**"Sou de onde venho e vou para onde quero ser"**, me recordo de ter lido essa frase pintada na lateral de uma kombi na estrada enquanto viajava com minha família, deveria ter em torno de uns 10-12 anos, e nunca mais a esqueci... a frase me marcou, nunca imaginaria que um instante tão breve na rodovia se tornaria uma das grandes memórias da minha vida. Quando me sinto perdido, desanimado, entristecido, desaterrado, sempre me recordo dessa frase. "Sou de onde venho..." quer dizer, carrego em mim, na minha bagagem e identidade, minha ancestralidade, raízes, origens, valores de criação, e muitos outros sentimentos. E "...vou para onde quero ser" me remete ao quanto eu já sou algo, mas quero ser mais, ser além, ser já o que não consigo mais ser onde estou. Entendendo a importância do movimento, da itinerância, trajetória, da jornada que reflete diretamente no meu processo de construção de ser, e assim reconheço. Ir, sair em rumo ao desconhecido, sem ter certeza do destino mas sim do processo de autodescoberta, faz eu não estar pronto e nem querer estar. Mas sim disposto a atravessar, porém sabendo que na verdade eu que serei muito mais atravessado. Mesmo pesquisando, nunca descobri ao certo o autor ou sequer uma referência da frase, para você que como eu deve ter se perguntado de onde ela vem. Essa frase, para além de tudo, me faz pensar no papel do arte-educador como um mochileiro que reconhece a importância de sua jornada no roteiro de suas viagens, nas quais não há só um destino e nem somente um trajeto para se chegar.

Este meu **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de graduação de Licenciatura em Arte-Teatro do Instituto de Artes da UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho)** tem como **objetivos gerais e específicos** expor, relatar, analisar, relacionar, refletir e desdobrar pedagogicamente o processo criativo, eixos temáticos e parte da trajetória histórica da produção e realização do **espetáculo (Infanto-juvenil) "Um minuto antes do sol nascer"**. A obra resumidamente narra a história de um menino (o "Guri"), de 10 anos, que frustrado pelas constantes perguntas sobre sonhos e perspectivas de futuro, encontra um livro na biblioteca de sua escola que

trata sobre a existência de uma possível cidade em que todos os sonhos do mundo se materializam e assim, com a possibilidade de encontrar seus sonhos e suas respostas, ele parte em rumo para uma jornada em direção à essa misteriosa cidade. Fui idealizador deste trabalho junto com a Cia Janela (além de ter sido meu 1º solo como ator), por isso carrego e aqui - relembro, escrevo, reflito, analiso, desdobro, tudo com muito respeito, carinho e gratidão! Um dos nossos objetivos com a peça sempre foi dialogar com o público-alvo (que é o infanto-juvenil) sobre as pressões constantes que sofrem por parte dos adultos, que por muitas vezes ocasiona um amadurecimento psicológico precoce e um distanciamento da infância (que é a fase em que desenvolvemos grande parte da nossa personalidade e traumas) nas crianças. Esse é um tema que faz convergir minhas trajetórias como artista e educador, pois nos convoca a refletir sobre a importância dos processos de criação voltados para crianças e adolescentes, estando eles na posição de públicos ou de praticantes em contextos pedagógicos. Como ator e educador acredito que por meio do teatro conseguimos abordar de uma forma lúdica, temas como: educação bancária, jornada pessoal, sonhos, a busca pela identidade, entre outros,, que vou trazer mais a fundo ao longo deste trabalho. Assuntos estes que também podem ser introduzidos/discutidos em sala de aula, por um professor de português ou sociologia, e não somente em artes, por exemplo. Vale ressaltar que outros aspectos como o incentivo à leitura e o respeito à identidade de gênero, também são abordados no espetáculo. O fio condutor da peça nos é dado a partir da leitura e da imaginação de uma criança, que vive uma jornada (do herói) dentro do seu próprio quarto. Partindo dessa vivência, também proponho aqui uma reflexão sobre **a importância de ver e fazer teatro na educação básica (infância e adolescência)** e sobre como pensar, valorizar, incentivar e contribuir de fato com a construção de uma cultura da prática artística (e não digo apenas do teatro) pode melhorar o processo de formação e ensino-aprendizagem dos indivíduos além de contribuir para a construção de uma comunidade cultural (que pratica e cria a arte como uma necessidade básica de convivência e expressão). Mas como foi o processo criativo da peça? Como surgiu de fato a ideia da Cia Janela? Para eu responder essas perguntas e começar de fato a apresentar mais a fundo e refletir sobre a obra, antes (até pelo trabalho ser meu - brincadeiras a parte) necessito chegar, me apresentar, deixar registrado um pouco da minha trajetória até chegar aqui.

### **Afinal, quem sou eu?**

Guilherme Henriques Tsuji é o meu nome completo de batismo e registrado em cartório. Nasci e cresci até os 19 anos lááááá no interior de São Paulo, em uma cidade chamada Ribeirão Preto (o “nordeste paulista” como gostamos de chamar) e não, não é Ribeirão Pires, muito menos São José do Rio Preto (por mais que seja próximo). Descendente de imigrantes tanto japoneses quanto

italianos, portugueses, e outros povos que não sei ao certo dizer as origens, sou o famoso exemplo do “suco da miscigenação” do Brasil. Digo que sou Ator, Palhaço, Diretor, Arte-Educador e Produtor Cultural (mesmo que na nossa área tenhamos aquelas crises de que por mais que estudamos muito e há anos o nosso ofício, não me considero nada disso de fato). Considero-me apenas um artista, curioso, observador, do movimento, impulso, poética e da presença. Sempre fui uma criança líder, inquieta e curiosa, um tanto quanto desastrada ao mesmo tempo. Por mais que pareça contraditório, também era tímido e ficava acuado com a presença e olhar dos adultos. Minha aproximação com o teatro se deu por orientação e indicação de uma amiga da minha mãe, junto com um pedido meu para entrar no teatro depois que, sem querer, acabei assistindo uma peça filmada de *Romeu e Julieta* de *W. Shakespeare*, que estava passando na TV Cultura. E foi assim que minha formação artística começou, em 2008 - na escola pioneira no ensino de teatro da cidade chamada Teatro Popular de Comédia (TPC). Confesso que minha mãe comenta até hoje que achava que depois da primeira aula experimental, eu iria ficar assustado e não iria querer continuar, mas algo me chamou atenção, toda aquela recepção, aquele ritual de chegada, alongamento, aquecimento, jogos cênicos... me instigaram a ponto de entender que um processo estava se estabelecendo e a me perguntar: afinal das contas, onde isso vai dar? onde vamos chegar? e nessa de ficar para ver o que vai dar, fez eu ir ficando, ficando, ficando... fiz parte da escola até 2016, realizando todos os cursos livres para além do de iniciação teatral, como de aprofundamento de autores e linguagens, foram eles: Improvisação, Métodos Stanislavski, Teatro Épico de Bertolt Brecht, Plínio Marcos, Nelson Rodrigues, entre outros, em 2014 já fazia parte do elenco de peças que marcaram e lotaram os Teatros de Ribeirão Preto e região por anos, e a partir daí já comecei a entender um pouco mais sobre os meus propósitos e destinos. Com o tempo, devido ao conhecimento que fui adquirindo entendi que o TPC já não me alimentava mais artisticamente como antes. Então busquei outras formações na cidade. Atuei como bailarino clássico pela Escola de Ballet Ana Maria Macedo, e outra formação que me enriqueceu bastante foi ter feito parte (2015) da primeira turma de teatro do projeto Academia livre de música e artes (ALMA) na qual foi me apresentado a linguagem do Teatro Físico, que carregou fielmente em meus métodos e processos criativos teatrais, tive a oportunidade e privilégio de estreiar como protagonista da 1º Opereta do projeto (2016) no Theatro Pedro II (patrimônio da cidade) na qual interpretei o guerreiro *Raniero* na peça intitulada como: *A chama sagrada* - que reuniu mais de 80 artistas interligando todos os cursos do projeto: Canto, Instrumento (Orquestra), Teatro e artistas convidados da dança. Depois dessas experiências já estava mais que certo para mim, que queria ir para São Paulo (Capital) passar por maiores formações teatrais... Entre idas para São Paulo, voltas para o interior, choros, febre, perrengues... veio no início de 2019 a felicidade da minha aprovação no curso de Licenciatura em

Arte-Teatro no Instituto de Artes da UNESP e o início de uma nova fase em minha vida na qual eu já estava construindo, planejando, plantando há alguns anos e já era hora de começar a colher os frutos e iniciar novas plantações. Já com minha vida acadêmica engatada na UNESP, por sempre ter sido um artista da cena e o enfoque da minha graduação ser a Licenciatura, sob olhar da pedagogia teatral, comecei a sentir a necessidade de complementar essa formação com outro curso já mais voltado ao ator, técnicas de atuação cômica, presença cênica, jogo, improvisação... foi aí quando decidi prestar e passei para fazer o curso de Humor na SP Escola de Teatro, ingressando no 2º semestre de 2019. Em 2020 tudo havia bem, estava já com os cursos nas SP e UNESP engatado, entrosado, sentindo aquele início de aprofundamento (até por ser meu 2º ano em São Paulo), quando de repente foi decretado estado de quarentena (isolamento social) como medida emergencial para combater a pandemia do coronavírus (Covid-19) e nós artistas de teatro, da arte do encontro, ficamos “sem chão”, se vimos sozinhos, isolados e foi a partir daí que surgiu a ideia da Cia Janela e da criação do espetáculo (Infanto-Juvenil) *Um minuto antes do sol nascer!* Como forma, de mesmo nas condições pré-estabelecidas pela pandemia (seguindo com toda segurança recomendada pela Organização Mundial da Saúde) continuar investigando, recomeçar e transformar os processos criativos voltados à criação e produção de espetáculos teatrais, em destaque, o teatro infanto-juvenil, tendo como principais pontos de partida: a criança, a brincadeira, a imaginação, o lúdico, a jornada, jogo, palhaçaria, performatividade e a poética (estética), que sempre me instigaram como artista de teatro.

## **JORNADA, ENCONTRO E TERRITÓRIO:**

### **O palco em suspensão e o início da Cia Janela**

Um encontro, um convite, uma frase, um tapete, um abajur e uma cadeira no centro da sala de um apartamento do centro de São Paulo, era isso que tínhamos quando eu e a artista Adriane Hintze decidimos embarcar em um processo, nosso processo, de corpo, texto e jogo! comigo em cena e ela por trás assinando direção e dramaturgia! Como já sabem, a frase “Sou *de onde venho e vou para onde quero ser*” foi o primeiro disparador do nosso primeiro encontro para começarmos a criar o projeto. Projeto que de início não tinha uma pretensão de gênero/linguagem, tinha apenas a frase, um tapete e algumas outras coisas na qual já citei acima a partir de referências que levantamos relacionadas à Educação como: Paulo Freire, bell hooks, além de obras/autores que trabalham e/ou discorrem com a estilística da trajetória/jornada do herói como Joseph Campbell, como será abordado no capítulo adiante. Em um processo com muita infância, jogo, palhaçaria, troca, escuta, escrita criativa, experimentações cênicas, estudo de mesa, estudos de construção de personagens, da dramaturgia e de ações físicas (provindo de técnicas do teatro físico). Ao longo do processo foram

feitos convites para parceiros colaborarem em áreas específicas: introdução e experimentação das áreas técnicas (cenografia e figurino assinado por Mari Moraes, sonoplastia por Julie Xavier, iluminação por Vinicius Zampieri, coreografia por Ton Pereira, direção de produção por Cássio Borges, assistência de direção e produção por Gabi Prota, técnicos de palco e contra-regragem por Danilo Stavale e Thauana Garcia, e fotografia e filmagem assinado por Caio Nogali)<sup>1</sup>. Nossos encontros foram fazendo com que fôssemos criando, compondo, floreando a obra infanto-juvenil intitulada: *Um Minuto antes do sol nascer*.

A Cia Janela era, inicialmente, **Cia Janela do meu quarto**, um nome que remete e simboliza o momento em que as pesquisas e produções teatrais tiveram que se voltar para dentro de nossas casas, dos próprios artistas na pandemia, além de trazer os valores sobre raízes, origens e perspectiva de mundo, pois estamos falando a partir da janela do nosso quarto, logo Cia Janela. Os ensaios se iniciaram em torno de julho de 2020 e em janeiro de 2021 realizamos uma abertura de processo online pelo FESTAR (Festival de Teatro de Araruama/RJ), no qual ganhamos uma votação popular pela categoria infantil para apresentar na edição presencial do mesmo festival em novembro do mesmo ano. A partir daí convidamos as áreas técnicas (cenografia, iluminação, sonoplastia e etc) e iniciamos a segunda parte da criação, a produção! Já que já tínhamos pelo menos um objetivo que era apresentar presencialmente no Rio de Janeiro ao final do ano, em julho conseguimos realizar a nossa estreia online (versão filmada) e, em novembro ainda do mesmo ano, enchemos o carro com todo cenário, nossa equipe e fomos para Araruama/Rio de Janeiro na qual estreamos – só que desta vez presencialmente. Tivemos a honra de voltar para casa com três prêmios: melhor direção (palco infantil), melhor ator (palco infantil) e melhor iluminação (geral), tendo o privilégio de nosso trabalho, que não tinha sido apoiado por nenhum grande mecanismo de incentivo até então, sair em imprensas/mídias conhecidas como o Correio Popular (Campinas/SP) e nas notícias da SP Escola de Teatro, por exemplo.

Assim, a Cia se consolida com o seu primeiro projeto, o espetáculo, *Um minuto antes do sol nascer*.

---

<sup>1</sup> A ficha técnica completa da peça encontra-se disponível no Apêndice A deste trabalho.

Figura 3 – Capa da matéria sobre a peça: Um minuto antes do sol nascer no Correio Popular (Campinas/SP)

**cultura**  
Sugestões de pautas, críticas e elogios:  
cadernoc@rac.com.br

**CORREIO POPULAR**  
Campinas, domingo, 26 de setembro de 2021

**Karina Fusco**

Foi no período em que a pandemia de Covid-19 fechou tudo e restringiu a circulação de pessoas que os artistas Adriane Hintze e Tsuji colocaram a criatividade em primeiro plano e criaram o espetáculo *Um minuto antes do sol nascer*, uma peça infantojuvenil que nasceu em 2020 no formato online, já participou e se destacou em festivais e agora está em transição para a primeira apresentação presencial.

Adriane, de Campinas, escreveu e dirigiu a peça e o ator Tsuji, de Ribeirão Preto, encartou a missão de interpretar diferentes personagens que surgem no imaginário de um menino em busca de respostas para as suas perguntas sobre os seus sonhos.

Poucos recursos e muita criatividade marcam o projeto desde sua concepção. Adriane conta que a ideia veio com a necessidade que os dois sentiram de falar sobre sonhos e identidade em um momento difícil e com tantas perdas. Falar sobre isso é um grito de esperança, define. Também se sobressaiu a vontade de focar no público infantil, uma vez que os sonhos da infância muitas vezes nos acompanham pela vida toda.

Com a pandemia, os artistas perderam seus trabalhos e conversando com o Tsuji veio a ideia de produzir a peça online. A primeira versão foi bem caseira: era o ator em cena, uma cadeira e um abajur, relata.

A frase "sou de onde venho e vou para onde quero ser", trazida por Tsuji, foi transformada no fio condutor da peça. É uma frase que fala sobre raízes e nos permite fazer a alusão às pessoas que saem de suas cidades e vão para grandes centros em busca de seus sonhos, mas às vezes acabam se perdendo daquilo que estavam buscando. Foi o que nos moveu, explica a dramaturga.

**Conquistando o público**  
Com duração de 40 minutos, *Um minuto antes do sol nascer* estreou no início de 2021 no 1º Festival online, o Festival de

Teatro de Araruama que teve a versão virtual, e agradou tanto que foi escolhida pelo voto popular com uma das peças que serão apresentadas em novembro na edição presencial. E teve mais: o espetáculo também foi destaque no Encontro de Teatro Universitário (ITU), que aconteceu no início de setembro.

Tsuji, que é arte-educador, ator, bailarino, palhaço e atleta, diz que foi um desafio protagonizar a obra. "Nunca tinha feito um solo e foi especial falar de autoconhecimento e demonstrar a jornada de uma pessoa em busca dessa autodescoberta. O processo criativo teve muitos jogos, brincadeiras e poesia, para a gente entender e construir as figuras com bastante ludicidade", explica.

Na mais recente gravação do espetáculo, que ocorreu em um apartamento na capital paulista e já teve o apoio de outros profissionais, a opção foi trabalhar com a equipe reduzida, por questões de segurança. Além da diretora e do ator, estiveram presentes o produtor Cassio Borges e o filmmaker Caio Nogali.

Enquanto Adriane e Tsuji trabalham na adaptação do texto para o presencial e mergulham na pesquisa para trazer novidades, já que não querem que o projeto seja engasgado, eles se animam com o feedback que chega dos pequenos espectadores e também de seus pais. "No online, foi possível trabalhar com recortes das cenas, de forma que quem assiste só vê o que a câmera mostra. Tem momentos da peça que só mostramos o mapa e o sapato, por exemplo. Nós brincando com esses recortes e isso agradou", conta Adriane. Mas o que ela quer mesmo é que esse espetáculo estimule a reflexão sobre a importância de nossos sonhos e da leitura mesmo em um mundo dominado pela tecnologia, em que o celular tem atraído mais as crianças dos que os livros. "A leitura constrói muito do que nós somos, ela nos leva a outros lugares, assim como aconteceu com o protagonista", completa.

**Peça infantil criada pela dramaturga campineira Adriane Hintze e pelo ator Tsuji, de Ribeirão Preto, conquista o público e agora está em adaptação para o presencial**

**o raiar de um novo teatro**

**CADERNO C**

**NOVAS APRESENTAÇÕES**

Em outubro estão programadas quatro apresentações online e gratuitas de *Um minuto antes do sol nascer*. Para assistir, é só pegar o ingresso pela plataforma Sympla: [www.sympla.com.br/um-minuto-antes-do-sol-nascer](http://www.sympla.com.br/um-minuto-antes-do-sol-nascer)...1354459

Tsuji, ator, bailarino, palhaço e atleta: "Foi um desafio protagonizar a obra. Nunca tinha feito um solo."

Fonte: Correio Popular, 2021

## 2 ESTUDO DE MESA

Pensando sobre os eixos-temáticos centrais da obra;

Neste capítulo, a partir de recortes da dramaturgia original, pretendo discorrer sobre como as escolhas temáticas e assuntos fizeram-se presentes no processo de criação da obra: a jornada do herói (a partir das ideias e conceitos trazidos por Joseph Campbell em *O herói de mil faces*), educação bancária (sob olhar e conceito de Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*), educação decolonial e a arte como ferramenta potencializadora na emancipação de crianças e jovens (tendo como principal referência teórica a obra *Ensinando a transgredir* de bell hooks). Menciono aqui também, a partir de trechos da dramaturgia, outros subtemas que estiveram presentes no processo de criação, como: infância, jogo/brincadeira, sonhos, ludicidade, jornada pessoal, autodescoberta, raízes, valores, a busca pela identidade, o tempo, a questão de gênero, entre outras.

A peça é composta por 5 cenas (cada uma com um eixo-temático que foi norteador na construção do texto da cena que em conjunto foi se criando também a atuação em uma forma de processo criativo de escrita criativa trazida pela dramaturgia com experimentações físicas e cênicas em retorno pela atuação e lapidado pela direção de uma forma colaborativa) em um único quadro que é o quarto desta criança que brinca, interpreta e vive toda essa aventura.

Figura 4 – APRESENTAÇÃO PRESENCIAL NO ETU (ENCONTRO DE TEATRO UNIVERSITÁRIO| UNESP, USP E UNICAMP)



Fonte: ETU, 2023. (Foto tirada para este trabalho)

## 2.1 A criança e o herói - o início da jornada;

Segue trecho extraído da primeira cena da dramaturgia original do espetáculo: *Um minuto antes do sol nascer*, da Cia Janela.

[Nesta cena, ao encontrar o misterioso livro intitulado como: *A cidade dos sonhos* achado na biblioteca (não catalogado)., Guri convence a Dona Cleide (bibliotecária mais antiga da escola) a deixar o livro na Seção de Achados e Perdidos].

“Menino - O que a Dona Cleide não sabia é que eu ia deixar nos Achados e Perdidos DEPOIS de ler o livro. Cheguei em casa, pulei na cama e li... Bem, o livro começa mais ou menos assim (mudando de voz): *ESSE LIVRO É PARA VOCÊ QUE NÃO SABE QUAIS SÃO OS SEUS SONHOS*. Acho que esse livro tem tudo a ver comigo.

*É nessas páginas que você vai encontrar o caminho que você deverá seguir;*

*Pois a cidade é o possível do impossível*

*É o sonho dos que sonham*

*É o lugar que tem todas as respostas para as suas perguntas.*

É ISSO! EU PRECISO IR PARA A CIDADE DOS SONHOS.

Deixa eu ver como chegar...(falando bem rápido) "pegar a estrada de carro e ir reto toda a vida em direção à Fazenda Feliz, quando passar a Fazenda Feliz, vira à direita. Continua reto toda vida. Atravessa a ponte do rio. Vira à esquerda. Vira à direita. Passa por um balão.

Passa pela barraquinha do seu Joaquim que vende suco de laranja, toma um suco de laranja. Continua reto toda vida, e quando você estiver chegando na chácara do monte verde, vira à esquerda e é lá que fica a Cidade dos Sonhos." Ahhh, é do lado de Indaiatuba.

Parece meio complicado. Isso aqui parece importante.

*"AVISO: a Cidade dos Sonhos só aparece uma vez por dia e só é possível entrar na Cidade dos Sonhos quando esta for visível para os olhos humanos, o que ocorre apenas um minuto antes do sol nascer".*

Além de ser longe pra caramba, tem horário para entrar. Que exigentes!

(para o público) O livro em si não tinha muita coisa, apenas um pouco sobre a cidade e como chegar. Era um livro bem estranho... e o mais estranho de tudo é que na última folha estava escrito à mão *"se esse livro chegou até você, vá até a cidade dos sonhos, Guri"*.

(Pausa. menino olha amedrontado para o público) COMO ELE

SABE MEU NOME? Isso só pode ser uma pegadinha. Eu vou é jogar esse livro fora, isso sim. Eu vou devolver esse livro para a Dona Cleide. É isso. Não, não... melhor não, ela vai saber que eu ainda não levei nos Achados e Perdidos. (Abre o livro, lê algo, assusta e deixa

cair) agora está escrito uma nova frase no lugar da outra! Que livro é esse que muda de frase? Será que... será que ele tá falando comigo? (Menino abre o livro e lê lentamente - com dificuldade de leitura) *"SIM, ESTOU FALANDO COM VOCÊ!"*.

Menino - mas como isso é possível?

Menino (lendo) - *você tem um caminho para seguir, uma cidade para visitar. Você tem algumas respostas para encontrar. E na caixa do oráculo tudo vai achar.*

Menino - olha, eu queria dizer que foi nesse momento em que decidi ir em busca das minhas respostas. Mas assim... eu tava meio assustado com o fato de um livro estar me respondendo. Eu só vi isso acontecer em um filme e no fim o livro era do mal. Eu fiquei um pouco desconfiado e ficamos a madrugada inteira discutindo até o livro me convencer de que ele era do bem.

Menino - EU VOU! não, não... melhor não... eu vou, vou sim! Não, não vou. Decidido. Eu vou. (Arruma uma mochila rápido. Abre a janela) meio alto aqui né? (Olha para baixo, olha para cima, olha para baixo, olha para cima. Olha para a plateia com muito medo) Crianças, não façam isso em casa. (Pula, com voz de dor) definitivamente não façam isso em casa. aiiiiii minha bunda. Ai. (Levanta e começa a andar. Andando sorrindo muito animado. Vai cansando. E o sorriso vai sumindo ao poucos) será que estamos chegando? (olha no mapa) não, não estamos chegando. Nossa, tá doendo minhas costas. Eu, eu vou... (ofegante) eu vou parar um pouco”.

Quando eu trouxe a frase disparadora “Sou de onde venho e vou para onde quero ser” e outros estímulos ligados ao lúdico e sonhos para a direção começou a ficar implícito que trabalharíamos a linguagem do espetáculo em uma estilística de jornada! Mas que tipo de jornada? *A jornada do herói!* E foi a partir daí que passei a tomar conhecimento das obras e conceitos trazidos por Joseph Campbell. Na primeira escrita criativa que a Adriane me trouxe, mal sabíamos o que, de fato, iria ser o início da nossa dramaturgia. Era o conto de uma criança que descobria um livro que contava sobre uma tal de Cidade dos Sonhos, em que todos os sonhos do mundo se materializavam lá, e com medo mas coragem ia em busca dela. Lembro que logo que ela me deu o conto, já fui jogando, brincando, me divertindo, interpretando com meu corpo essa criança que, afoita, pegou sua mochila, arrumou suas coisas e ia logo pular a janela (que no caso do ensaio era pular da cadeira) e que mesmo com medo, mesmo quase desistindo, resolveu partir em rumo ao desconhecido. Foi tão

prazeroso brincar, jogar com tudo isso, foi extasiante, aquele sentimento que nós atores temos quando se entregamos totalmente a um exercício, jogo, cena, interpretação e afins. E o sorriso no rosto da direção após o exercício também não dizia o oposto, foi quando sem dizer muito já sabíamos o rumo da jornada dos ensaios, do nosso processo!

A maior referência e conceitos na qual nos debruçamos, como já mencionei, foi a obra de Joseph Campbell (1949). A noção de jornada do herói, desenvolvida por Campbell em *O herói de mil faces*, foi uma das referências que atravessaram o início do nosso processo criativo. Campbell descreve a trajetória mítica em doze etapas principais que se repetem em diferentes culturas: o chamado para a aventura, a recusa inicial, o encontro com o mentor, as provações, a conquista, a transformação e o retorno para a casa. Como escreve Campbell: “*O chamado à aventura é o momento de destino em que uma força, seja uma simples coincidência ou uma revelação profunda, rompe o mundo habitual do indivíduo, convocando-o para o desconhecido.*” (Campbell, 1949, p. 53). Esse percurso simbólico, mais do que uma fórmula narrativa, revela modos de compreender a formação do sujeito em meio a desafios, deslocamentos e o mais importante para nós falando da peça *Um minuto antes do sol nascer*, que é a autodescoberta!

No espetáculo *Um minuto antes do sol nascer*, esse esquema se apresenta implicitamente na travessia do menino que busca respostas para as perguntas sobre sonhos e futuro. O encontro com o livro funciona como o chamado para a aventura. As dúvidas e medos diante da possibilidade de partir correspondem à etapa da recusa. Personagens como a Dona Cleide, o Carona, Um minuto e o Oráculo aparecem como figuras limiares, que testam, desafiam ou aconselham o herói.

“O herói parte do mundo comum e segue rumo a uma região de maravilhas sobrenaturais: lá encontra forças fabulosas e conquista uma vitória decisiva; retorna dessa misteriosa aventura com o poder de conceder bênçãos aos seus semelhantes.” (Campbell, 2007, p. 45).

#### 1. O chamado para a aventura;

O herói é convocado a sair da rotina. No espetáculo, esse chamado surge quando o menino encontra o livro misterioso na biblioteca. O livro anuncia uma cidade dos sonhos — promessa de respostas às perguntas que tanto o atormentam.

#### 2. A recusa do chamado;

O medo, as dúvidas, o apego ao conhecido - fazem o herói hesitar. O menino sente medo de confiar em um livro que responde, suspeita de uma pegadinha, pensa em devolvê-lo à Dona Cleide fora o

receio de se perder ou se machucar pelo caminho desconhecido. Esse momento traz a humanidade da criança: o medo de se arriscar.

### 3. O encontro com o mentor;

No percurso, o herói encontra figuras que orientam ou desafiam. No caso do menino, esses papéis são ocupados por personagens como a Dona Cleide (guardadora de segredos, ainda que rígida), o Carona (que o ajuda levando até o portal da cidade dos sonhos), o Oráculo (que questiona sua identidade e o provoca a se olhar - a regressão) e até o Um minuto (que ensina pela dor da perda).

### 4. A travessia do limiar;

É o momento em que o herói realmente parte para o desconhecido. O menino decide deixar seu quarto, arruma a mochila e pula pela janela — metáfora forte da travessia, do abandono do espaço seguro (zona de conforto), da infância para o território do desconhecido tendo em vista a ideia de sonhos!

### 5. Provas, aliados e inimigos;

Ao longo do caminho, o herói encontra obstáculos e testes. Para o menino, cada figura (o Minuto, Oráculo, até a ausência da mãe) funciona como um espelho e uma barreira, colocando-o diante de dilemas sobre o que deve abrir mão para seguir.

### 6. A aproximação da caverna oculta;

Antes da conquista, o herói encara seus maiores medos. No espetáculo, isso se dá na tensão entre o desejo de chegar à cidade dos sonhos e a condição imposta pelo Um Minuto (que representa o tempo): trocar, “abrir mão” de suas lembranças para poder ter acesso à cidade dos sonhos.

### 7. A provação suprema;

Aqui o herói enfrenta a possibilidade de morte simbólica. O menino, ao entregar suas memórias/lembranças, “abre mão” de si mesmo (Como se esquecer de quem se é e mesmo assim se lembrar de onde veio? Como se esquecer de onde veio e conseguir lembrar onde e porque vai? Como é crescer sem memória? seria apenas crescer - se transformar em um adulto) e nessa cena experimenta a dor da perda de identidade causando um crescimento precoce.

### 8. A recompensa (ou elixir);

Em alguns mitos, o herói conquista tesouros, conhecimentos. No espetáculo, a cidade dos sonhos aparece como conquista, mas é ambígua pois o menino só a alcança à custa de “abrir mão” de suas lembranças se esquecendo assim quem se é. Essa tensão reflete o preço das pressões que a

sociedade acaba impondo às crianças. Porém o verdadeiro elixir/recompensas são as respostas que o Menino (já um Homem) consegue acessar ao abrir a caixa do Oráculo.

#### 9. O caminho de volta e 10. A ressurreição;

Embora Campbell descreva o retorno como o momento em que o herói traz consigo o elixir da transformação, em *Um minuto antes do sol nascer* esse retorno acontece tanto geograficamente (pois tem como momento final do espetáculo o menino dizendo que vai volta para casa) tanto como metáfora de se silenciar e se olhar para dentro (internamente) como um primeiro caminho/trajeto para buscar as respostas para as nossas perguntas. O Menino, depois de se perder ao trocar suas lembranças pela promessa da Cidade dos Sonhos, reencontra sua missão ao atender novamente o chamado do Oráculo. Ao abrir a caixa, ele recupera o que havia esquecido: suas memórias, sua origem, seu nome. A caixa não guarda segredos, mas espelhos — e é nesse reflexo que o herói se lembra de si. O espetáculo revela assim, que as verdadeiras respostas não estão fora, mas dentro. O retorno do Menino é o reencontro com o próprio sentido da jornada: compreender que o herói que buscava sempre esteve ali, em silêncio, esperando ser lembrado.

#### 11. O retorno com o elixir;

Se a jornada é coletiva, o herói retorna trazendo algo para os outros. No caso da peça, esse “elixir” não está no personagem, mas na experiência estética compartilhada. O público, especialmente as crianças, é convidado a refletir: “Quais são meus sonhos? Qual minha jornada pessoal?”.

Para nós, artistas-educadores, aproximar Campbell do processo foi uma maneira de nortear e dar sentido às etapas que íamos vivendo nos ensaios, desde das escritas das cenas, a cada improvisação, jogo, dúvida do percurso se conectava a alguma fase da jornada. Esse olhar nos ajudou a estruturar o espetáculo e, ao mesmo tempo, abriu um espaço pedagógico, em que as crianças que assistiram se reconheceram nesse herói: entre a coragem e o medo, o riso e a descoberta. E se divertiram se sensibilizando com o percurso que nosso protagonista atravessava! Assim, a jornada do herói não se mantém como um modelo rígido e previsível mas como ferramenta (um modelo estilístico) para pensar e poder criar possibilidades cênicas para/com o teatro infanto-juvenil podendo falar de formação, crescimento e travessia, por exemplo.



Dona Cleide - Não.

Menino - E se...

Dona Cleide - Não.

Menino - Mas você nem me deixou terminar.

Dona Cleide - Não. Alguém deve ter esquecido e vai voltar para procurar o livro.

Menino - Dona Cleide, eu posso procurar o dono por você. OU MELHOR, eu posso deixar nos achados e perdidos, assim você não vai ter todo esse esforço de levar o livro até lá.

Dona Cleide - Nã...Ok.”

Desde os primeiros ensaios, ficou evidente para nós que a figura da professora e a da Dona Cleide não surgiam apenas como personagens secundárias na dramaturgia, mas como representações do imaginário do que seria um ambiente educacional enrijecido e retrógrado, modelos de educação que ecoam até hoje no Brasil. A professora, com sua tarefa aparentemente simples de ensinar, traduz o gesto de uma educação que cobra respostas rápidas e prontas. Essas práticas/modelo educacional remete ao conceito que Paulo Freire nomeou como educação bancária, em que o aluno não é sujeito ativo na construção do conhecimento no processo de ensino e aprendizagem, mas recipiente de conteúdos (informações) que devem ser depositados a fim de serem memorizados e devolvidos em forma de respostas prontas. Como escreve Freire: *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”* (Freire, 1996, p. 47).

Já Dona Cleide, guardiã da biblioteca e do silêncio, aparece como símbolo da face burocrática e disciplinadora da escola. A repetição do “SHIU!” ganha dimensão simbólica: silenciar a voz da criança, conter a curiosidade e regular o acesso ao conhecimento. A biblioteca, no entanto, também revela-se um espaço paradoxal, pois mesmo sob o olhar vigilante de Dona Cleide, é lá que o Menino encontra o livro Cidade dos Sonhos — uma brecha, uma possibilidade para imaginar, um caminho de autodescoberta. Nesse detalhe, a cena deixa claro o caráter ambíguo da escola: pode ser

tanto um lugar de opressão (por conta dos modelos retrógrados de educação reproduzidos) quanto de autodescoberta. Sabemos que esse jogo entre repressão e invenção, que ecoa a herança da educação bancária, ainda ressoa fortemente em nossas escolas. Essa herança não aparece apenas em práticas de transmissão de conteúdos prontos, mas também na disciplina rígida, na cobrança de respostas rápidas, na antecipação de futuros como se a infância fosse apenas um ensaio da vida adulta. A professora e a bibliotecária simbolizam acima de tudo a pressão social que recai sobre as crianças, a insistência em enquadrar, a exigir que digam o que os adultos querem ouvir.

O Menino, porém, não se limita a cumprir a tarefa, não aceita o destino imposto. Ele busca na biblioteca um refúgio — uma fuga da opressão e das perguntas que o perseguem. Nesse espaço de silêncio e controle, paradoxalmente, ele encontra uma brecha: um livro sem cadastro, um objeto fora da ordem, que se torna a porta de acesso a outra realidade. A biblioteca, então, deixa de ser apenas depósito de livros para se tornar metáfora do alcance: o lugar em que a criança se descobre capaz de buscar por si mesma, de se auto-conhecer no encontro com a leitura. É nesse gesto que o espaço da opressão se converte em um degrau para o autoconhecimento e a autodescoberta.

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, lembra que “ensinar exige o respeito à autonomia do ser do educando” (Freire, 1996, p. 67). A representação de um modelo de educação que não respeita a autonomia é invocada, na peça, pelas figuras da professora e da bibliotecária que impõem a ordem e o silêncio, mas o Menino cria seu próprio caminho, transformando a obediência esperada em invenção. Já bell hooks (2003) nos lembra que a educação deve cultivar a imaginação crítica, o *wonder*, como experiência de assombro e curiosidade que alimenta o desejo de aprender. O Menino encarna essa potência: resiste ao enquadramento, abre espaço para o sonho e encontra na leitura não só uma resposta pronta, mas um convite a fazer mais perguntas! É nesse ponto que bell hooks (2003) nos provoca a pensar a educação como prática de liberdade, e não de dominação (como Freire também acreditava). Para ela, ensinar é também despertar a imaginação crítica, acolher as perguntas que não cabem nas respostas prontas. O Menino encarna essa imaginação; com a presença da Professora e da Dona Cleide, a cena acaba dramatizando, portanto, dois modelos pedagógicos: o que deposita, cobra e fecha gavetas, e o que pergunta, cutuca e abre frestas.

Assim, na dramaturgia de *Um minuto antes do sol nascer* a infância, mesmo dentro das estruturas rígidas da escola, encontra caminhos para inventar e se reinventar. O menino que foge da tarefa e descobre o livro é também aquele que simboliza a possibilidade de uma educação emancipatória, que, como lembra Freire (1996), “não pode ser neutra” — ou é libertadora ou é domesticadora.

### 2.3 Um minuto (o tempo) e a Cidade dos Sonhos (a grande metáfora);

Segue trecho extraído da terceira cena da dramaturgia original do espetáculo: *Um minuto antes do sol nascer*, da Cia Janela.

[Nesta cena, a partir da ajuda do Carona, o Menino é deixado na entrada da cidade dos sonhos].

“Um minuto - Ora, ora... temos um garoto esperto por aqui. Deixa eu adivinhar: mais uma criança que quer entrar na Cidade dos Sonhos por causa de um livro que o trouxe até aqui? Como você sabe que esse livro é a resposta para as suas perguntas? Mas se você realmente quer entrar na cidade, terá que passar por mim, pois eu sou o tempo que demora e o tempo que voa. Pode me chamar de Duas horas, Uma hora ou Um minuto. Uma taxa terá que ser paga. Nada vem de graça. Tudo o que você precisa fazer é apenas me dar o que você tem de mais valioso: as suas lembranças. Só assim, você poderá entrar e achar suas respostas.

Um minuto - Sente-se aqui. Relaxe. E feche os olhos.

(câmera em super close no rosto do ator. abre os olhos. foco em outra coisa. quando volta o ator já não está mais em cena. Duas cadeiras vazias, livro abandonado assim como tudo o que pertence ao menino)

Voz do ator em off - Quando ele avistou a Cidade dos Sonhos, seus olhos brilharam e seu sorriso iluminou a noite. Era a cidade mais linda que ele já tinha visto na vida. A cidade com mais luzes, com mais sorrisos, com mais sonhos. Mas uma pena que para entrar neste paraíso ele teve que se desfazer de suas lembranças, teve que se esquecer de quem era, de onde veio e para onde ele queria ir. Ele se esqueceu. E o tempo... o tempo ganhou. Porque o tempo foi passando e o menino deixou sua infância sem nem ao menos perceber, e a idade adulta o atingiu, sem nem ao menos ele se lembrar...

(Volta para o ator - gravata e celular)”

Na cena em que o Menino encontra o personagem Um Minuto, o tempo se transforma em figura viva. Ele não aparece como algo abstrato ou distante, mas como uma figura de ar misterioso, que negocia, instiga, cobra, e exige sua condição para deixar o Menino entrar na Cidade dos Sonhos, que é clara: em troca de permitir entrar ele deve entregar suas lembranças. Já que nada na vida vem de graça... O tempo, aqui, é simbolizado como esse mediador que nos atravessa e que sempre pede algo em troca. Essa troca carrega uma profunda metáfora: ao abrir mão das memórias, ele abre mão

de quem se é (partindo das ideias de que somos feitos a partir de nossas memórias). A promessa de um paraíso dos sonhos se revela enganosa, porque só pode ser alcançada pelo preço da própria identidade. Esse é o ponto central da cena: o perigo de nos perder quando deixamos para trás nossa história.

A Cidade dos Sonhos, nesse contexto, é uma metáfora que se aproxima à ideia da capital, da cidade grande, que seduz quem vem do interior em busca de construir um futuro, carreira, oportunidades, uma vida! Há nela um brilho imediato — luzes, movimento, abundância — mas também o risco de se perder nesse trajeto.. Muitos que chegam, assim como o Menino, acabam se rendendo às promessas e ilusões: o consumo, os vícios, a violência, a sensação de que para pertencer é preciso abrir mão de quem se é. Assim, a metáfora se desdobra: a jornada do Menino é também a nossa. O Tempo cobra, e nós escolhemos o que entregar. O espetáculo aponta o risco de entregar demais: de perder-se no caminho e não se lembrar do porquê de ter começado a jornada. Se antes o menino falava com livros, agora ele negocia com o próprio tempo. E o tempo veste três nomes — Duas Horas, Uma Hora, Um Minuto — para lembrar que o relógio é bicho de muitas caras: às vezes passa devagar, outra hora voando... Quando o tempo exige pagamento em lembranças, a peça nos convida a perguntar que preço a escola e a sociedade cobram das crianças quando aceleram etapas. Cada teste padronizado, cada meta de desempenho, cada ideia totalitária, pode ser uma moeda de memória trocada por entrada na “cidade perfeita” das metas adultas. O menino hesita — concorda e entra, mas perde a si mesmo — e nós, na plateia, sentimos o frio de reconhecer que, às vezes, também oferecemos nossas lembranças sem notar. E também, nos faz perguntar que nos tornamos quando esquecemos de quem realmente somos?

Em sala de aula, costumo propor, após a apresentação dessa cena, uma roda em torno da pergunta: “Qual lembrança vocês não trocariam por nada?”. Cada aluno recupera um cheiro, um jogo inventado, o colo de alguém. Ao partilhar, descobrem que memória é tesouro coletivo — se um conta, todos ganham. É assim que reescrevemos a metáfora da peça: a Cidade dos Sonhos continua existindo, mas só faz sentido se levamos conosco quem somos. Assim, o minuto cumpre o papel de espelho e pergunta, olhando para cada espectador: que pressa te habita? A resposta não cabe em prova, mas cabe no corpo atento de quem decide, um minuto antes do sol nascer, acordar as próprias lembranças em vez de vendê-las ao relógio.

## 2.4 A questão de gênero e o verdadeiro oráculo;

Segue trecho extraído da quinta cena da dramaturgia original do espetáculo: *Um minuto antes do sol nascer*, da Cia Janela.

“Oráculo - Hora do meu banho de ervas. Robson! Prepare meu banho! Quero tomar um banho bem relaxante para rejuvenescer minha pele. Sinto o peso da minha idade nessas olheiras imensas. Robson! Cadê meus pepinos? Preciso colocar pepinos nas minhas olheiras. Robson! Aproveita para trazer meu chá da tarde, estou com fome. (som de campainha) Robson! Avise que não estou atendendo hoje! (toca a campainha de novo) Robson! (toca a campainha). Ai, meu deus! Eu vou ter que me preparar para atender já que a pessoa não vai embora. (apresentação do oráculo. Dancinha.). Olá! Bem-vindo ao Oráculo 24h. Se você está procurando a resposta para todos os seus problemas, veio ao lugar certo. Também trazemos o amor em 3 dias.

Homem - Olá. Tudo bom? Eu vim aqui por causa desse livro. Não sei se você é o dono ou não. Aqui também está escrito algo sobre uma caixa. Eu não entendi direito. Enfim, só vim entregar o livro.

Oráculo - Para abrir a caixa vai ter que pagar.

Homem - Não, eu só vim devolver o livro.

Oráculo - Este livro é seu.

Homem - Não é... desculpa perguntar, mas o que você é?

Oráculo - Sou o Oráculo, oras.

Homem - Não, eu quero dizer.... bem... você é homem ou mulher?

Oráculo - Isso faz alguma diferença para você?

Homem - Não.

Oráculo - Vai mudar alguma coisa na sua vida?

Homem - Não.

Oráculo - Pois bem.

Homem - Mas...

Oráculo - Aaaah que saco você! Se você realmente quer saber sou homem, pronto.

Homem - Por que você está vestido assim?

Oráculo - Agora menino veste azul e menina veste rosa? Eu visto a roupa que eu quiser. Eu sou um homem de saia. Isso te incomoda? Por que? Aaaah Robson! Traga meu chá! Fiquei irritado.

Homem - Desculpa. Me desculpa, eu não queria aborrecê-lo. Eu só queria te devolver seu livro, apenas isso.

(pausa)

Oráculo - Não. Você não veio só para isso. Você procura por algo, não? Eu sinto isso quando olho para você. Você procura por algo perdido que nunca foi encontrado. Quem é você, meu guri?

Homem - Como é? Desculpa, acho que isto é um engano, eu só vim devolver um livro.

Oráculo - (bravo) Fique. (Silêncio constrangedor) Robson, traga um café para o guri. Me conte sobre você. Quem é você. Quais os seus sonhos?

(Silêncio)

Oráculo - Vejo em você um menino perdido dentro do corpo de um homem. Um menino que se perdeu perseguindo algo que achava ser sua resposta. O que tiraram de você? Abre a caixa, guri. E tente se lembrar”

Homem (narrando) - Me tiraram minhas lembranças e eu me perdi de quem eu era, de onde vim e para onde eu queria ir. E eu só... só queria saber as minhas respostas. Eu tentei me lembrar de quem sou e descobri que as lembranças sempre estiveram comigo, mesmo

quando eu achava que elas não estavam. E quando eu abri a caixa do Oráculo. A caixa falou comigo e ela me deu as respostas. As respostas que eu sempre quis saber desde que eu era pequeno. A caixa me disse: 'As respostas sempre estiveram dentro de você'. (pausa) Sério? Todo esse espetáculo para ser ESSA RESPOSTA? Mas o pior de tudo é que a caixa do Oráculo tinha razão. Não era uma caixa que iria me dizer quais eram os meus sonhos. Não era um Oráculo que iria me dizer quais caminhos seguir. Não era a escola que iria me impor o que sonhar. Sou eu mesmo. Então eu fechei meus olhos. Respirei fundo e ouvi todos os sonhos do mundo que vivem dentro de mim. Abri os olhos e disse: Vou voltar para casa.

Fim

Na dramaturgia de *Um minuto antes do sol nascer*, a figura do Oráculo se apresenta com humor, exagero e ironia. A cena começa com uma sequência de caprichos – banhos de ervas, pepinos para as olheiras, chá servido pelo invisível Robson – quase como um deboche da pompa dos sábios tradicionais. Mas logo esse personagem, que parece apenas cômico, se revela como uma das vozes mais desestabilizadoras do percurso do Menino. Não é um oráculo que dá respostas prontas, ao contrário, devolve perguntas, devolve o olhar, devolve o incômodo! O Menino, confuso, tenta enquadrá-lo: “Você é homem ou mulher?”. O Oráculo responde com outra pergunta: “Isso faz alguma diferença para você?”. Nesse jogo, o espetáculo desloca o eixo da “resposta” para a experiência do estranhamento. O Oráculo não se encaixa nas categorias rígidas de gênero, e sua presença encarna uma pedagogia que é, antes de tudo, provocadora. O riso inicial abre caminho para a reflexão: por que a sociedade insiste em classificar, limitar, padronizar os corpos e identidades?

bell hooks (que pede para seu nome ser grafado em letras minúsculas) ao propor uma pedagogia engajada, nos lembra que a sala de aula (ou o palco) pode ser espaço de transgressão. O Oráculo, nesse sentido, é uma figura transgressora: embaralha gêneros, papéis, expectativas, e com isso convoca o público a sair de sua zona de conforto. Ele não apenas responde, mas devolve ao Menino a pergunta central: “Quem é você, meu guri?”. É nesse momento que a dramaturgia revela a potência da metáfora: o verdadeiro oráculo não é o personagem que fala, mas o espaço de reflexão sobre o caminho de se buscar respostas sobre si que se abre no encontro com o inesperado. Nesta cena, a peça convida o público a olhar a diferença sem pressa de rotular. O Oráculo aparece coberto de ervas, pepinos, brincos e uma saia. Já chega derrubando aquela pergunta automática que cresce nos corredores: “É homem ou mulher?”. Um homem de saia! (foi nossa escolha final consensual

entre atuação e dramaturgia). No entanto, o Oráculo não é uma figura qualquer: é um corpo que escapa às normas, que desafia classificações. “Sou um homem de saia”, diz ele, com ironia e firmeza. Esse gesto é mais do que uma piada ou uma provocação — é uma afirmação política e estética. O Oráculo encarna a ideia de um corpo queer como potência de liberdade, um corpo que se define como homem mas que rompe os padrões normativos colados a essa identidade de gênero, e revela a performatividade do gênero como espaço de criação. Como nos lembra bell hooks (2003), ensinar — e viver — é um ato político, e o corpo, ao afirmar-se fora da norma, se torna também território de aprendizagem. Ao trazer um personagem como o Oráculo para uma dramaturgia infanto-juvenil, a Cia Janela se arrisca num terreno ainda sensível, mas necessário. O Oráculo faz rir e pensar, desloca preconceitos e mostra às crianças e adolescentes que existem múltiplas formas de ser e estar no mundo. A comicidade se torna ferramenta pedagógica, e o riso, instrumento de reflexão. É nesse jogo entre humor e desconforto que a cena atinge sua força. O Oráculo ensina pelo exemplo: ser é um verbo em movimento. Quando o Menino (agora já o Homem) se assusta e quer ir embora, o Oráculo freia a fuga: “Fique. Quem é você?” — e a cena vira espelho. De repente, a pergunta sobre gênero perde força diante da pergunta sobre identidade. A cena nos lembra que o verdadeiro oráculo não é aquele que entrega respostas prontas, mas aquele que faz as perguntas certas. A sabedoria, aqui, está na escuta e no espelho: o Oráculo apenas devolve ao Menino o que já estava dentro dele. Nesse sentido, o verdadeiro oráculo é ele próprio, e por extensão, somos nós. A metáfora se alarga — o conhecimento e a descoberta não vêm de fora, mas do encontro com aquilo que habita em nós. Como escreve Paulo Freire (1996, p. 25), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. O diálogo, e não a imposição, é o que move o processo de aprender e se reconhecer.

O Oráculo, então, se revela uma figura-ponte: entre o riso e a revelação, entre o sagrado e o profano, entre o menino e o homem que ele se tornará. Sua “caixa mágica” não guarda segredos, mas espelhos. E é nesse reflexo que o Menino começa a se lembrar — não do que perdeu, mas de quem sempre foi. O verdadeiro oráculo, afinal, é o próprio processo de se perguntar. É a pedagogia do autoconhecimento, do olhar para dentro, onde o teatro e a vida se confundem e se retroalimentam. Assim, a cena encerra o ciclo: depois de atravessar o tempo e a cidade dos sonhos, o herói volta para si — e encontra, enfim, a resposta que procurava. O herói finalmente volta para casa.

Figura 5 – ESTREIA PRESENCIAL NO FESTAR (FESTIVAL DE TEATRO DE ARARUAMA/RJ)



Fonte: FESTAR, 2021. (Foto tirada para este trabalho)

Figura 6 – ESTREIA PRESENCIAL NO FESTAR (FESTIVAL DE TEATRO DE ARARUAMA/RJ)



Fonte: FESTAR, 2021. (Foto tirada para este trabalho)

### 3 TEATRO, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Pensando a importância do teatro no Ensino Básico e suas intersecções;

Pensar o teatro na escola é pensar o ser humano em sua totalidade: corpo, voz, mente, emoção, pensamento e sonho. Este capítulo aprofunda a reflexão sobre a importância do teatro na formação de crianças e adolescentes, entendendo-o como uma linguagem artística fundamental no processo de desenvolvimento humano e uma prática pedagógica de emancipação. Ele nasce da experiência com o espetáculo *Um minuto antes do sol nascer* e da observação de como sua recepção e seus desdobramentos com as crianças e adolescentes evidenciaram a potência dessa arte para acolher, ensinar e transformar. Entendemos o teatro na educação básica não como luxo ou adorno cultural, mas como algo que amplia e aprimora as condições de exercício do direito fundamental de aprendizagem. Ele amplia a percepção de mundo, estimula o diálogo e ensina pela experiência. Como lembra Paulo Freire (1996), “ensinar exige o respeito à autonomia do ser do educando”. O teatro é, por natureza, esse exercício da autonomia, porque nele o aluno se descobre criador, e não apenas receptor. Ao propor uma pedagogia do corpo e do encontro, o teatro rompe com o modelo da educação bancária e abre espaço para o inesperado: o erro, o improviso, a dúvida, o riso e a emoção passam a ser partes legítimas do processo de aprendizagem. bell hooks (2003), em *Ensinando a transgredir*, reforça que a educação libertadora exige um engajamento emocional e político com o ato de ensinar. Para ela, “ensinar é um ato de coragem e também de esperança”. O teatro concretiza essa coragem e esperança ao transformar a sala de aula em espaço de convivência, descoberta e invenção onde cada estudante é sujeito de sua própria narrativa. As reflexões apresentadas nesta seção são inspiradas por leituras de referências teóricas, bem como por uma série de atividades formativas (oficinas) que realizamos em festivais de teatro e escolas durante a circulação da peça *Um minuto antes do sol nascer*. Essas oficinas ocorreram no ano de 2022 e 2023, em escolas municipais e estaduais da cidade Campinas e São Paulo/SP, e tiveram a participação de crianças e adolescentes de vários anos que assistiram a peça presencialmente ou pela versão online e realizamos bate-papos e dinâmicas após.

Figura 7 – ESTREIA PRESENCIAL NO FESTAR (FESTIVAL DE TEATRO DE ARARUAMA/RJ)



Fonte: FESTAR, 2021. (Foto tirada para este trabalho)

### 3.1 O brincar e jogar: fundamentos para a aprendizagem;

O teatro, desde suas origens, nasce do brincar. O jogo é sua matriz, sua alma. Brincar não é apenas distrair, é aprender — e aprender com o corpo inteiro. Cavassin (2008, p. 40) afirma que “os princípios pedagógicos do teatro traçam relações claras entre teatro e educação, considerando essa arte como uma forma humana de expressão, a semiótica e a cultura”. Ingrid Koudela (2001), ao refletir sobre o jogo teatral, complementa que ele “é o exercício da liberdade do jogador, o campo onde se aprende a criar e a respeitar a criação do outro”. No jogo teatral, a imaginação se transforma em instrumento de pensamento, e o corpo, em linguagem. O brincar e o jogar criam terreno fértil para o florescimento da imaginação e da experimentação. O aluno-criança encontra no teatro a liberdade de testar hipóteses, inventar mundos e construir sentidos. Cada cena é um exercício de empatia e de cognição, em que o corpo e a mente se educam mutuamente. O que hooks (2003) chama de *wonder* — o estado de assombro necessário para aprender — é o mesmo espanto lúdico que o teatro cultiva: o de redescobrir o mundo com olhos sempre novos. Camila Mendes (2012) amplia essa visão ao afirmar que o jogo teatral é “um meio de construção do conhecimento que une corpo e pensamento num mesmo gesto educativo”. Assim, o teatro se consolida como

prática que articula o brincar e o aprender, rompendo fronteiras entre arte e pedagogia. No ambiente escolar, o jogo teatral não é mero adereço, mas método ativo de aprendizagem — um modo de pensar e sentir em coletivo. É nesse contexto que o ensino teatral se torna também um exercício ético e estético de convivência, onde cada gesto é partilha e cada palavra um convite à criação.

### **3.2 O teatro como ferramenta de inclusão e desenvolvimento de habilidades sociais;**

Dentro de uma realidade escolar marcada por desigualdades e múltiplos ritmos de aprendizagem, o teatro surge como abrigo de inclusão. O jogo teatral elimina barreiras de linguagem, corpo ou origem. Todos são importantes para a cena existir. Durante as oficinas que realizamos em escolas durante a circulação das apresentações de *Um minuto antes do sol nascer*, foi possível perceber o quanto o teatro tece vínculos: os mais tímidos encontravam um modo de expressar-se em relação a peça. A cena educa pela escuta — quem atua precisa observar, reagir e acolher o tempo do outro. É nessa vivência que se constroem, de maneira prática, valores como empatia, cooperação e respeito. Freire (1996, p. 67) lembra: “ensinar exige disponibilidade para o diálogo”. O teatro é, talvez, a forma mais completa de diálogo. Koudela (2001, p. XX) aponta que “no jogo teatral, o diálogo é o próprio fundamento do aprender, pois só existe jogo quando há troca verdadeira”. Essa dimensão inclusiva e relacional do teatro torna-o um campo de formação sensível para o exercício da cidadania. Ao jogar, as crianças aprendem a lidar com a diferença e a valorizá-la. A cena, como espaço simbólico, oferece a possibilidade de se colocar no lugar do outro — e, portanto, de compreender a alteridade como constitutiva do ser humano. bell hooks (2003, p. XX) reforça que a educação libertadora é aquela que “reconhece o valor das experiências pessoais como saber legítimo”. No teatro, a experiência de cada um é sempre uma possibilidade de ponto de partida, nunca obstáculo.

### **3.3 O teatro e a construção do pensamento crítico e criativo;**

O teatro provoca o pensamento. Ao propor a criação coletiva, estimula a reflexão, o debate e a autonomia intelectual. As crianças e adolescentes aprendem a decidir, propor, argumentar e defender suas ideias. O palco vira laboratório onde o conhecimento é construído pela experimentação. Freire (1996) e hooks (2003) se encontram quando afirmam que aprender é um ato de liberdade. O teatro legitima o erro como parte da pesquisa e a dúvida como força do conhecimento. Ele transforma o aprendizado em experiência sensível e coletiva, aquilo que

Cavassin (2008) chama de “campo de construção simbólica e cultural”. Koudela (2009) acrescenta que o jogo teatral é “um modo de conhecimento que nasce da experiência estética e ética do corpo em relação”. Nessa perspectiva, o teatro também fortalece o pensamento criativo, que é, segundo Mendes (2012), a capacidade de reinventar o real a partir do imaginário. No processo criativo teatral, não há respostas prontas, mas perguntas em movimento. Essa postura investigativa forma sujeitos críticos e autônomos, capazes de dialogar com o mundo sem medo de se perder ou de mudar.

### **3.4 O teatro como ferramenta potencializadora para o ensino de outras disciplinas;**

O teatro é, por essência, interdisciplinar. Ele não se restringe às artes, mas dialoga com a história, a literatura, a filosofia, a matemática, a geografia e todas as áreas que tratam da experiência humana. Ao dramatizar situações históricas, os alunos vivenciam os conteúdos; ao criar cenas inspiradas em textos literários, aprofundam a leitura e a interpretação; ao organizar o espaço da cena, aplicam noções de geometria e proporção. Um professor de português pode propor finais alternativos para a peça *Um minuto antes do sol nascer*, por exemplo, estimulando escrita e imaginação. Esses exemplos mostram o teatro como método pedagógico que transforma conteúdos em experiências vivas e colaborativas, transformando o conhecimento/aprendizado em gesto de criação.

### **3.5 O Teatro como prática de cuidado e resistência;**

Num mundo que transforma desempenho e produtividade em medida de valor, o teatro reaparece como espaço de cuidado e resistência. Ele oferece pausa, escuta e partilha. Nas escolas, as práticas teatrais se tornam dispositivos de saúde emocional: ajudam crianças e adolescentes a lidar com sentimentos e a expressá-los de maneira criativa. Quando o Menino de *Um minuto antes do sol nascer* enfrenta o medo de esquecer quem se é, o público revive suas próprias tensões entre tempo e memória. O teatro atua como cura simbólica: reorganiza o que estava disperso, reencanta o cotidiano, ensina a respirar. Como diz Koudela (2009), “o jogo teatral é uma forma de resistência poética, um modo de reencantar o real por meio da presença viva dos corpos em cena”. Durante uma residência artística num colégio da zona leste, observamos que estudantes considerados “difíceis” tornaram-se pontes de afeto quando assumiram funções técnicas — operar luz, cuidar de figurinos, anotar entradas. O palco expandiu-se para os bastidores, e ali cultivou-se o senso de responsabilidade mútua. Um professor de matemática comentou: “Eles nunca tiveram tantos motivos para chegar cedo à escola.” Essa observação traduz o alcance do teatro como instrumento de pertencimento e transformação.

### 3.6 Em rumo a uma política dos sonhos;

Defender o teatro na escola é para além de tudo defender o direito ao sonho. Em tempos de ensino autoritário, técnico e pragmático, sonhar é ato político. O teatro afirma a imaginação como forma de buscar conhecimento e resistência. Ele faz com que cada criança e adolescente possa responder, à sua maneira, à pergunta que ecoa do espetáculo: “Quais são seus sonhos?”. Quando a escola abre espaço para o teatro, ela deixa de ser apenas prédio e horários: torna-se território de encontros, afeto e de transformação. E é nesse instante — um minuto antes do sol nascer — que o conhecimento deixa de ser depósito e vira ponte/travessia, que a educação deixa de ser ordem e vira descoberta.

Figura 8 – APRESENTAÇÃO PRESENCIAL NO ETU (ENCONTRO DE TEATRO UNIVERSITÁRIO)



Fonte: ETU, 2023. (Foto tirada para este trabalho)

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar este trabalho é, de certa forma, um retorno ao seu ponto de partida — à frase “*Sou de onde venho e vou para onde quero ser*”. Ao longo do processo de criação, pesquisa e escrita deste TCC, compreendi que essa frase é também o eixo que sustenta toda a travessia artística e pedagógica que vivi e partilhei aqui. Ela é, sobretudo, um modo de olhar o mundo e de compreender a educação e o teatro como territórios de deslocamentos, descobertas e encontros. Relembrar o processo de criação do espetáculo *Um minuto antes do sol nascer* foi também revisitar memórias essenciais para mim enquanto artista e educador. Cada personagem, escolha dramatúrgica, jogo cênico e cada silêncio ressoam como parte de um aprendizado que ultrapassa os limites do palco. O suspense para além... A jornada do Menino “Guri” — nosso herói que parte em busca de suas respostas, a procura de seus sonhos — acabou se misturando à minha própria trajetória: um menino do interior que veio para a capital com uma mochila cheia de expectativas, descobertas, medos e sonhos. No percurso, compreendi que o herói não é só aquele que encontra todas as respostas, mas o que segue se questionando, que aceita ser atravessado pelas incertezas e que transforma o caminho, ou melhor, a jornada como parte essencial da aprendizagem. Ao longo do trabalho, foi possível perceber o quanto o teatro, especialmente o teatro voltado à infância e à adolescência, é um campo fértil de experimentações e de reflexões pedagógicas (em potencial!). Em diálogo com Paulo Freire, compreendi que o teatro, quando pensado como prática de liberdade, pode romper com os moldes da educação bancária e propor uma pedagogia emancipatória, do encontro, escuta, descoberta e invenção. O palco, assim como a sala de aula, torna-se um espaço de troca e diálogo. Ensinar e aprender se atravessam horizontalmente. O artista e o educador se encontram. e bell hooks (2003) reforça essa ideia ao afirmar que “ensinar é um ato de esperança”, e talvez o teatro seja justamente isso: o gesto de reunir corpos, olhares e vozes em torno de uma experiência comum, aberta à transformação.

A Cia Janela, nascida em meio à pandemia, simboliza esse desejo de continuar criando mesmo quando o mundo fechava as suas portas. De dentro de nossos quartos, aprendemos a olhar pela janela e a enxergar o teatro como uma forma, acima de tudo, de resistência àquele tempo.. Criar *Um minuto antes do sol nascer* foi também um exercício de fé na arte e nas possibilidades do coletivo — um lembrete de que o sol, mesmo quando tarda, sempre volta a nascer. A experiência de apresentar o espetáculo para o público infanto-juvenil reforçou em mim a importância do teatro na

formação de sujeitos sensíveis e críticos. As reações das crianças — risos, perguntas, silêncios atentos — revelam que o teatro é também uma forma de educar o olhar e o sentir. Não é sobre transmitir uma mensagem pronta, mas sobre abrir espaço para que cada espectador encontre sua própria leitura, seu próprio sentido. Essa é, acredito, a verdadeira função pedagógica da arte: provocar, mover, inquietar. Ao olhar para trás, percebo que cada parágrafo deste trabalho foi uma tentativa de costurar teatro, arte- educação, poética (estética) e reflexão, teoria e prática. Do estudo de mesa à cena, das referências de Campbell, Freire, hooks às descobertas nas improvisações, tudo se uniu num mesmo gesto de busca: compreender o que significa ser professor-artista em um país como o Brasil. Hoje, mais do que nunca, acredito que o professor-artista é aquele que sabe que o mundo é sua sala de aula, e que o teatro é um modo de aprender e ensinar com o corpo inteiro, para “mergulhar de cabeça”. Através da arte, reconhecemos nossas origens, reimaginamos nossos caminhos e seguimos, como o Menino, em direção à cidade dos sonhos de cada um!

Assim como o Menino, sigo aprendendo que não é preciso chegar para entender o sentido do caminho. Que o teatro, a educação e a vida são territórios em constante movimento. E que, como naquela kombi que vi na infância, sigo me lembrando: sou de onde venho, mas continuo indo — para onde quero ser mais! Concluo esse trabalho com esse texto (um dos meus favoritos e que mais que marcou no tempo de graduação e que não poderia faltar aqui) do cap. 13: *“Eros, erotismo e o processo pedagógico”* do livro *“ensinando a transgredir - a educação como prática da liberdade”* da autora bell hooks.

“Adoro dançar. Quando era menino, dançava em qualquer lugar. Por que ir andando até lá quando eu poderia gingar e bambolear pelo caminho afora ? Quando eu dançava, minha alma se libertava. Eu era poesia. Indo aos supermercados aos sábados com minha mãe, eu dançava com o carrinho pelos corredores. A mamãe se voltava para mim e dizia: “Menino pare com essa dança. Os brancos acham que é só isso que sabemos fazer.” Eu parava; mas quando ela não estava olhando, eu pulava e batia os calcanhares uma ou duas vezes. Não me preocupava com que os brancos pensavam, simplesmente adorava dançar-dançar-dançar. Ainda danço e ainda não me preocupo com que as pessoas pensam, brancas ou negras. Quando danço, minha alma é livre. É triste ler sobre homens que param de dançar, que param de ser tolos, que param de deixar que suas almas voem livres... Acho que para mim, sobreviver inteiro significa nunca parar de dançar.”.

Figura 9 – Logo da Cia Janela (São Paulo/SP)



Fonte: Canva, 2023

## REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. 11. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

CAVASSIN, Juliana. **Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica**. Revista Científica /FAP, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 39-45, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais: o jogo teatral no ensino das artes cênicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **O teatro na educação: o espaço de construção da consciência político-estética**. São Paulo: USP, 2001.

MENDES, Camila. **Teatro-Educação e o jogo como caminho de conhecimento**. São Paulo: ECA-USP, 2012.

CIA JANELA (SP). **Um minuto antes do sol nascer**. São Paulo: Cia Janela, 2020.

w

**APÊNDICE A:** Ficha técnica da peça: *Um minuto antes de o sol nascer* (Cia Janela/SP)

Direção e Dramaturgia: Adriane Hintze

Assistência de Direção e de produção executiva: Gabi Prota

Atuação e Idealização: Gui Tsuji

Direção de Produção: Cássio Borges

Cenografia e Figurino: Mariana Moraes

Iluminação: Vinicius Zampieri

Sonoplastia e Preparação Vocal: Julie Xavier

Operação de som: Felipe Salve

Coreografia: Ton Pereira

Contrarregragem: Thauana Garcia, Danilo Stavale

Fotografia, filmagem e edição: Caio Nogali

Realização: Cia Janela